

REISADOS DE BOA NOVA (BA): DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO, PATRIMÔNIO IMATERIAL

REISADOS DE BOA NOVA (BA): FROM GENERATION TO GENERATION, AN INTANGIBLE HERITAGE

Daiane Fontes¹
Juracy Assmann Saraiva²

RESUMO: A festa em homenagem aos Reis Magos acontece há cerca de 2.000 anos em diversas partes do mundo, principalmente em países ibero-americanos. No Brasil, destaca-se com grande expressão cultural a festa que moradores do município baiano de Boa Nova fazem anualmente, saindo de suas casas para anunciar nascimento do Menino Jesus e homenagear a visita dos três Reis Magos na sua manjedoura. Neste ensaio, serão trabalhadas as noções de cultura, identidade e memória para justificar esta manifestação cultural e sua concepção como patrimônio imaterial.

Palavras-chave: Reisados de Boa Nova (BA); Cultura; Identidade; Memória e Patrimônio imaterial.

ABSTRACT: Parties in honor to the Three Wise Men have taken place in several parts of the world, particularly in Ibero-American countries, for around 2,000 years. In Brazil, one of the most remarkable events related to this theme is the party that the people from the city of Boa Nova, in the State of Bahia (the biggest State in the Northeast region), carry out yearly. They come out of their houses to announce the birth of Holy Jesus and to honor the visit of the Three Wise Men to his manger. This paper explores the notions of culture, identity and memory as means to justify this cultural expression and its view as an intangible heritage.

Keywords: *Reisados de Boa Nova (BA)*; Culture; Identity; Memory and Intangible Heritage

Introdução

Na região de Boa Nova, interior da Bahia, a Festa de Reis é bastante antiga e tradicional. Ela exerce um papel fundamental na formação

¹ Psicóloga e Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social pela Universidade Federal da Bahia. Doutoranda do PPG em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale / RS.

² Professora e pesquisadora da Universidade Feevale e bolsista em produtividade do CNPq. Doutora em Teoria Literária pela PUC/RS e Pós-Doutora em Teoria Literária pela UNICAMP.



da identidade cultural das comunidades dessa região, mantendo espaços para o permanente diálogo e aprofundamento de conhecimentos sobre o que o passado deixou como legado, em termos de tradições e fundamentos populares. A Festa, no que tange ao presente, reflete sobre a forma como hoje se materializam essas experiências, revitalizando-as e valorizando-as.

A Festa de Reis tem sua origem na Europa e chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses, espanhóis e dos padres jesuítas, e é mantida pelas comunidades, principalmente as comunidades rurais, até os dias de hoje. Em cada família, observa-se o entusiasmo e uma espécie de obrigação das pessoas mais velhas em repassar todas as informações disponíveis às gerações mais jovens, de modo a garantir a continuidade dos costumes relacionados ao evento. Neste processo de comunicação, a memória familiar e/ou a memória coletiva são essenciais. Assim, como prática cultural, a Festa produz e transmite saberes e fazeres da tradição e da cultura local, promovendo, dessa forma, a manutenção da memória social e contribuindo para a consolidação de suas narrativas.

Neste ensaio, pretende-se entender como uma festa secular se perpetua até os dias de hoje e como ela se constitui patrimônio imaterial. Para tanto, o ensaio transita pelas noções de cultura, identidade e memória, pela recorrência a autores como Hall (2000), Laraia (2001), Pollak (1992), Santos (1987), Souza, (2014), Morigi, Rocha e Semensatto (2012), Torres e Cavalcante (2012), Woodward (2012), além das noções de cultura popular e patrimônio imaterial do Ministério da Educação (2007) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2017), respectivamente.

História, Cultura e Identidade

A festa em homenagem aos Reis Magos acontece há cerca de 2.000 anos em diversas partes do mundo, principalmente nos países ibero-americanos. Em sua maioria, ela acontece entre os festejos Natalinos e o dia 06 de janeiro. Em alguns lugares, essa festa pode ser adiantada, a partir do dia 08 de dezembro, com a homenagem à Nossa Senhora da Conceição, ou estendida, passando pela homenagem à São Sebastião, dia 20 de janeiro, Nossa Senhora das Candeias, dia 02 de fevereiro, e São Brás, dia 03. (LÚCIA BEATRIZ TORRES e RAPHAEL CAVALCANTE, 2012).

Segundo José Carlos Ruy (*apud* TORRES e CAVALCANTE, 2012), no dia 25 de dezembro era comemorado, há muito tempo atrás, a chegada do



inverno, para os países do hemisfério norte, e a chegada do verão, para os países do hemisfério sul – o solstício. “Originalmente essa data era considerada como de nascimento do Deus Sol e foi adotada pela Igreja para facilitar a conversão de povos não cristianizados do Império Romano” (p. 1). O nascimento de Jesus era comemorado no dia 06 de janeiro, dia em que acontecera também a visita dos Reis Magos ao filho de Deus.

“A fixação pela Igreja, em 350 a. D., do 25 de dezembro como provável dia do nascimento de Jesus Cristo (o Natal) abriu caminho para a comemoração da chegada dos reis magos (Melchior, Baltazar e Gaspar) em 6 de janeiro. Em alguns países latinos, principalmente ibéricos, esta data era tradicionalmente mais importante do que o Natal – daí a forte presença de sua comemoração na tradição popular brasileira, enriquecida com contribuições culturais indígenas e africanas, herdada do catolicismo popular latino e ibérico.” (RUY *apud* TORRES e CAVALCANTE, 2012, p. 1)

Affonso Furtado Silva (2006), em seu trabalho de pesquisa sobre a história que remete à jornada dos Reis Magos revela que o Evangelho de Mateus – capítulo 2 – é o único texto bíblico, entre os considerados canônicos, que faz menção a esses reis, e que esse texto é ainda superficial, sem especificar a categoria dos Magos, seus nomes, quantos eram e os locais de procedência. A única informação é que eram do Oriente.

O enigma sobre “a origem e natureza dos Magos, o significado da Estrela, como também o valor simbólico das três dádivas ofertadas” possibilitou diversas interpretações e reinterpretações ao longo dos tempos nos campos da teologia, história, literatura, iconografia, astronomia, astrologia e das ciências ocultas. (SILVA, 2006)

Conhecida, em sua forma mais popular, como a ‘Adoração dos Reis Magos’, essa passagem da Escritura Sagrada tem também servido de inspiração às mais variadas manifestações nas letras e nas artes e contribuído para o desenvolvimento de tradições populares, as mais diversas, algumas já tão distantes de suas matrizes primitivas. (SILVA, 2006, p. 13)

Somente no século VI, São Cesário, Bispo de Arles, França, atribuiu aos Magos do Oriente o título de Reis, e no século seguinte, o Papa Leão I, em seus sermões sobre a celebração da Epifania, afirmou que eram três Reis. Mais tarde é que seus nomes – Melchior, Baltazar e Gaspar – foram estabelecidos. (TORRES e CAVALCANTE, 2012)



As tradições populares do ciclo natalino eram comuns em toda a Europa Cristã, em países como França, Itália, Alemanha, Portugal e Espanha. Os dramas litúrgicos medievais eram utilizados como instrumento de ensino e divulgação da doutrina cristã. O episódio dos Magos do Oriente, desde cedo, tornou-se um dos temas prediletos para efeito de dramatização (*OfficiumStellae*). Representações de rituais litúrgicos relativos aos Magos, que, a princípio, eram realizados no interior das igrejas, foram, pouco a pouco, popularizando-se, transportados para espaços abertos – praças e ruas. Assim surgiam os cortejos, vinculados aos templos religiosos das cidades, que encenavam a temática dos Magos, bem como grupos peditórios, no âmbito dos povoados rurais que, de casa em casa, levavam a mensagem do nascimento de Jesus Cristo. [...] (TORRES e CAVALCANTE, 2012, p. 3)

Essas tradições chegaram ao Brasil através dos colonizadores e dos missionários jesuítas que tinham como objetivo catequizar os índios, os escravos e os próprios colonos portugueses. Assim, os primeiros grupos de reisados surgem junto com os primeiros povoadamentos – Salvador e vilas próximas do Recôncavo Baiano, Olinda, Recife, Rio de Janeiro, Niterói, São Vicente e São Paulo. Na medida em que os povoadamentos se expandiram, as manifestações populares se difundiram e sofreram, gradativamente, influências locais, que possibilitaram o surgimento de formas diversas de celebrar os Reis Magos.

Segundo Luís da Câmara Cascudo (2012), Reisados “refere-se sempre aos ranchos, ternos, grupos que festejam o Natal e Reis. O reisado pode ser apenas a cantoria como também possuir enredo ou série de pequeninos atos encadeados ou não.” (p. 610)

Dentro dos grupos de Reisados também há aqueles que não têm como temática os Reis Magos e o Menino Jesus, como a Chegança e a Marujada, a Taieira e o Ticumbi. E, pela dificuldade em definir conceitualmente essas manifestações, também fazem parte do grupo de Reisados as Folias, Companhias, Embaixadas de Reis, o Terno de Reis (Bahia e sul do Brasil), Pastor, Tiração de Reis, o Presépio, as Pastorinhas, os Pastoris, o Bumba meu boi do Nordeste brasileiro oriental, o Boi de Mamão, o Boi de Reis, os Reis de bois, o Cavalo-Marinheiro, a Companhia de Pastores, as Reidades, Reis de Careta e muitas outras espalhadas pelo Brasil todo. (TORRES e CAVALCANTE, 2012)



Na região do Médio Rio das Contas³, na Bahia, onde se localiza a cidade de Boa Nova, a Festa de Reis acontece há muito tempo. A tradição é mantida por diversos grupos afrodescendentes que, entre os dias 25 de dezembro e 06 de janeiro, saem de casa em casa anunciando a chegada do Menino Jesus. Estes grupos de Terno de Reis, como são chamados na Bahia, em sua maioria, são formados por famílias e suas origens alcançam gerações bastante antigas. Desde muito cedo, as crianças são introduzidas na tradição e os mais velhos são os mestres, detentores de um saber que não se restringe à Festa de Reis, mas que serve de referência para a vida.

A Festa de Reis, plena de significados e simbolismo, é transmitida de gerações para gerações há muitos anos. É constituída por um ritual que acontece todos os anos no mesmo período e da mesma maneira, o que a caracteriza como tradição local e contribui para sua permanência entre os costumes da população. A Festa

[...] é um denso e belo exemplo da maneira como a sociedade camponesa cria e consagra relações sociais e simbólicas entre diferentes categorias de pessoas e grupos, no interior da família, da parentela, da vizinhança, da comunidade. Ela é a unidade móvel de artistas e de devotos que difunde a notícia anual do nascimento de Jesus Cristo. Ela é um ritual errante, entre casas e casas, e antecede uma festa religiosa popular: a celebração do “Dia de Santos Reis”, em seis de janeiro. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007)

Mas,

Como entender os costumes como o do povo da roça que durante os primeiros dias de janeiro sai em romaria através das trilhas, visitando as moradias rurais, acordando o povo em horas noturnas, almoçando nas casas das pessoas das comunidades, tomando banho nos riachos, tudo para realizar a festa de Santo Reis? (Elisariá Costa, Boi de Dona Laurinha – Dário Meira/BA, VIA MAGIA, 2014)

Para compreender os rituais dos festejos, José Luiz dos Santos (1987) ressalta a importância do conhecimento da lógica interna de cada realidade cultural, antes de qualquer estudo que se venha a fazer sobre determinada sociedade ou grupo social. De outra forma, as práticas,

³ Território de identidade nomeado pelo Governo do Estado da Bahia composto por 16 municípios: Aiquara, Apuarema, Barra do Rocha, Boa Nova, Dário Meira, Gongogi, Ibirataia, Ipiáu, Itagi, Itagibá, Itamari, Jequié, Jitaúna, Manoel Vitorino, Nova Ibiá e Ubatã.



costumes, concepções e as transformações pelas quais estes grupos passam não fariam sentido.

Os grupos de Ternos de Reis não vivem isoladamente. Eles se relacionam com outros grupos de reisados e outros grupos sociais, além de se articular individualmente. Assim, é preciso também entender estas formas de relacionamentos, os contextos em que são produzidos, bem como as variações nas formas de família, habitação, vestuário e comércio.

É importante considerar a história desses grupos e da sociedade com as quais eles se relacionam para se compreender esta realidade cultural. (SANTOS, 1987) Ao mesmo tempo, é importante também saber que todo indivíduo necessita de um mínimo conhecimento dos padrões culturais do seu grupo social para que sejam possíveis articulações com os demais membros deste grupo. Assim, ele poderá agir adequadamente e prever o comportamento dos outros. (ROQUE DE BARROS LARAIA, 2001)

Assim como Santos (1987), Laraia (2001) também considera que todo sistema cultural tem sua própria lógica, que difere da do etnocentrismo. Essa lógica é que possibilita as explicações acerca da vida, do comportamento de cada grupo social. É a partir dela que se pode compreender a dinâmica cultural das sociedades.

Neste sentido, a cultura determina a visão de mundo dos indivíduos, isto é, seus valores, crenças, modo de estar no mundo. O ser humano vê o mundo a partir da sua lente, da sua cultura. (LARAIA, 2001)

O autor ressalta ainda que é impossível um indivíduo participar de todos os elementos da sua cultura e esta participação, muitas vezes, depende da idade (que pode ser determinada por questões cronológicas e/ou culturais) e do acesso que lhe é permitido, no caso das diferentes participações das mulheres e dos homens em determinados espaços.

Entre os Ternos de Reis, por exemplo, há uma hierarquia que é respeitada por todas as pessoas da comunidade. Nessa hierarquia, há o mestre, os músicos, os cantadores e os foliões. Cada membro do grupo tem sua função. As crianças são iniciadas no grupo desde muito pequenas, para que possam apreender os ensinamentos dos mestres e, assim, dar continuidade à tradição.

Consequentemente, pertencer a um grupo, neste caso ao grupo de reisados, também remete ao tema identidade. Para Kathryn Woodward (2012), a identidade é construída simbólica (a Festa em homenagem aos



Reis Magos, com sua música, dança, vestimentas, acessórios, bumba meu boi...) e socialmente (a importância desta festa para a sociedade, a religiosidade...). Ela é marcada por símbolos e pela diferença, isto é, a exclusão: pertencer ao Terno de Reis dos Ferreira⁴, cujas principais características são blusa, calças e boinas brancas (muito parecidas com as da Marujada), é não pertencer ao Boi de Dona Laurinha⁵, cujas principais características são roupas e chapéus bastante coloridos e o boi muito enfeitado. “Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”. (p.9)

A identidade também pode ser reivindicada através da história. Assim como Santos (1987) considera a história de um grupo social, de uma sociedade, essencial para compreender sua realidade cultural, Woodward (2012) entende que grupos étnicos religiosos e nacionalistas, por exemplo, revisitam seus passados para reafirmar suas identidades e, fazendo esse diálogo entre passado e presente, produzir novas identidades.

Para os grupos de reisados, manter a tradição é “reviver” o passado no mundo contemporâneo:

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianos com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação. (RUTHERFORD, 1990, p. 19-20. *apud* WOODWARD, 2012, p. 18)

Stuart Hall (2000) desenvolve um conceito de identidade estratégico e posicional, diferente do conceito essencialista, no qual a identidade tem como referência o EU estável, que não sofre qualquer tipo de mudança no caminho da história, e o “EU coletivo ou verdadeiro, que se esconde dentro de muitos outros “Eus” – mais superficiais ou mais artificialmente impostos – que um povo, com uma história e uma ancestralidade partilhadas, mantém em comum.” (Hall, 1990 *apud* Hall, 2000, p. 107)

O conceito estratégico e posicional entende que as identidades não são unificadas e nem singulares, mas sim fragmentadas, fraturadas e construídas ao longo da vida de cada sujeito e grupos sociais. Elas estão constantemente em processo de mudança e transformação, sem perder o

⁴ Terno de Reis dos Ferreira: grupo tradicional de reisados de Boa Nova/BA

⁵ Boi de Dona Laurinha: grupo tradicional de bumba meu boi de Dário Meira/BA



contato com o passado histórico, utilizando esses recursos, bem como os recursos da linguagem e da cultura, para a “produção não daquilo que somos, mas daquilo que nos tornamos.” (HALL, 2000, p. 108)

As identidades são construídas por meio das diferenças, ou seja, a partir da relação com o outro, da relação com aquilo que não é (capacidade de excluir) e, principalmente, aquilo que falta. “As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós.” (HALL, 1995 *apud* HALL, 2000, p.111)

A partir deste breve enfoque aos aportes teóricos, pode-se dizer que a tradição das Festas de Reis, assim como outros festejos e rituais, elaboram os processos identitários e os sentimentos de pertencimento dos grupos de reisados, que contribuem para a longevidade desta festa. Não menos importante, a memória também tem papel fundamental para a continuidade desta manifestação cultural.

Memória e Patrimônio Imaterial

Valdir Jose Morigi, Carla Pires Vieira da Rocha e Simone Semensatto (2012), entendem que as festas, os rituais servem como importantes ferramentas para dar continuidade às tradições, à cultura local, uma vez que sua transmissão

[...] está ancorada nas lembranças e aprendizados passados que se alojam na memória individual e coletiva, através da experiência socialmente compartilhada [...]. A transmissão da tradição, através da memória, possibilita a produção dos sentidos que são compartilhados, como um processo ativo e dinâmico, fruto das relações de poderes já instituídos que constrói aquilo que reconhecemos como parte da cultura humana. (p.182)

Esses autores ressaltam que, a partir de uma perspectiva sociocultural, a recordação e a memorização são processos da dinâmica de vida social do ser humano, construídos culturalmente.

Assim, a memória é considerada como um fenômeno coletivo e social, isto é, construído coletivamente, que sofre as transformações e mudanças que ocorrem no mundo e traz um diálogo permanente entre o passado e o presente. (MAURICE HALBWACHS, *apud* MICHAEL POLLAK, 1992)



Entretanto, há elementos da memória que são imutáveis, irredutíveis, tornando-se realidade e passando a fazer parte da própria essência da pessoa. São os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva que Pollak (1992) classifica em três: *acontecimentos* vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos pelo grupo ao qual a pessoa se sente pertencer. Não é raro perceber pessoas que, por meio da socialização política ou histórica, se projetem e/ou se identifiquem com acontecimentos do passado tão intensamente que se pode falar em memória “quase herdada” (p. 2).

Também considerados elementos constitutivos da memória são as *pessoas, personagens*. Esses elementos trabalham da mesma maneira que os acontecimentos, ou seja, há personagens encontradas realmente, personagens conhecidas indiretamente e, por fim, personagens que não necessariamente pertencem ao espaço-tempo da pessoa. (POLLAK, 1992)

Além dos acontecimentos e das personagens, os *lugares* também fazem parte desse grupo de elementos constitutivos da memória, principalmente os lugares ligados a uma lembrança, que podem ou não ter apoio no tempo cronológico. Lugares fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa podem fazer parte da memória de um grupo, conseqüentemente da própria pessoa, “por tabela ou por pertencimento a esse grupo”. (POLLAK, 1992, p.3)

A memória é seletiva, pois nem tudo fica registrado. O que é registrado é aquilo que, de alguma forma, teve um impacto, um valor significativo para a pessoa ou para o grupo. E quando se trata de memória herdada, fala-se de uma ligação estreita entre a memória e a identidade. (POLLAK, 1992)

De acordo com os autores Morigi, Rocha e Semensatto (2012), para que uma pessoa se lembre do seu passado, ela terá que se remeter às lembranças dos outros. “São pontos de referência que estão fixados pela sociedade. Portanto, a memória coletiva envolve sentimentos de pertença e identidade, já que a memória é sempre dependente das interações e dos grupos sociais.” (p.184)

Neste sentido, a memória familiar é o primeiro recurso disponível para o indivíduo. É na família que esse indivíduo iniciará a sua socialização e nela estarão as lembranças mais íntimas.



É nesse grupo, pois, que o sujeito recebe as primeiras memórias compartilhadas e incorpora em sua bagagem memorial as lembranças herdadas do grupo e vivenciadas com ele, as quais são impregnadas de sentidos identitários. São essas primeiras lembranças que enraízam o sujeito à família e assim surge o sentimento de pertencimento – com relação à comunidade familiar, ao espaço, à cultura e às práticas do grupo. [...] É a partir das experiências nesse grupo, portanto, que se produz a consciência das fronteiras que delimitam os sujeitos e os grupos e moldam as identidades. (MARIANA JANTSCH SOUZA, 2014, p. 112-113)

Assim, a história dos indivíduos, sua identidade, se constitui a partir de narrativas, que dão significado às suas memórias e que estão localizadas no tempo e no espaço, o que as torna mutáveis e dinâmicas, oferecendo novas leituras periodicamente.

A Festa de Reis é uma tradição milenar, passada de geração para geração, de pai para filho, de grupo para grupo, através de narrativas orais. Neste processo de comunicação, a memória familiar e/ou a memória coletiva são essenciais para a sua continuidade. “A transmissão dos valores culturais e da tradição ocorre através da memória social dos grupos que compartilham um mesmo tempo e um mesmo espaço geográfico.” (MORIGI, ROCHA e SEMENSATTO, 2012, p. 186)

A Festa de Reis, como prática cultural, produz e transmite os saberes e fazeres da tradição e da cultura local, promovendo, dessa forma, a manutenção da memória social. Nessa prática, assim como em outras práticas culturais que perpassam os festejos, acontecem também as construções das representações sociais, onde papéis sociais são internalizados pelos protagonistas dos grupos de reisados, por exemplo, situando-os tanto nos lugares que ocupam cotidianamente, como no espaço das festas, influenciando diretamente nos processos de construção identitária e no sentimento de pertencimento. (MORIGI, ROCHA e SEMENSATTO, 2012)

Os tipos de saberes dos participantes são diferentes. O “regente” é um gerente, um encarregado da ordem. Não precisa conhecer mais do que as regras cotidianas da conduta que todos os outros conhecem no lugar: a deferência dos mais jovens para com os mais velhos, as possibilidades e os limites da conduta afetiva, as normas do comer e outras tantas. Enquanto isso, o saber do mestre são segredos de verdadeiros sacerdotes populares. Ele precisa dominar os princípios dos gestos de todos os atores. Falando algumas vezes, dando em outras o exemplo e sua própria ação, cantando em outras ainda, ele prescreve o que fazer e



como fazer. Por ser aquele que sabe de modo mais completo do que todos os outros os princípios do fazer do rito, o mestre é quem concentra o poder de interpretar o sentido de qualquer cerimônia e de dirigi-las todas, dando ordens aos seus foliões e até mesmo aos donos da casa, enquanto lá está. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007)

Assim, a narrativa oral é o eixo central para a transmissão da tradição e, conseqüentemente, de sua longevidade. A memória, ou fragmentos dela, surge como o ato de narrar e, através das representações sociais, os indivíduos reconstróem e ressignificam as memórias do passado, confrontando-as com o presente. Neste sentido, Hall (2000) fala do conceito de cultura como um conjunto de significados compartilhados a partir do acesso comum à linguagem.

Isso se verifica em Boa Nova, interior da Bahia, onde, a partir de um trabalho de pesquisa sobre o patrimônio material e imaterial da região, a Festa de Reis intensifica o diálogo entre a tradição e a inovação, resultando em um Festival que acontece todos os anos, desde 2010. O Festival, além de promover o encontro dos vários grupos de reisados espalhados pela cidade, tem também o objetivo de resgatar o trabalho de (re) construção dos processos identitários e do sentimento de pertencimento desses grupos.

Já se pode falar em resultados. Alguns grupos que estavam desarticulados voltaram a se organizar. Até as pessoas que residem em outros Estados fazem questão de permanecer na região no período da festa. Ao mesmo tempo, grupos de outras cidades reivindicam sua participação no Festival. Percebe-se ainda o resgate da autoestima dos participantes dos grupo de reisados e a valorização da tradição pelos mais jovens, o que garante a continuidade do grupo e da própria tradição.

[...] O que acontece durante cada situação do ritual popular de uma Folia de Santos Reis, tão afetivamente envolvida de música, orações e trocas de bens entre foliões e moradores, não é mais do que a aglutinação de gestos e atos corriqueiros, que a situação ritual soleniza e oferta a todos os presentes como uma cerimônia marcante e fortemente carregada de afetos, de símbolos e de intertrocas de bens, de serviços e de sentidos. Todos os "do lugar" compartilham crenças e conhecimentos comuns. Pouca coisa pode ser improvisada, e é porque desigualmente se sabe o que vai acontecer e desigualmente se sabe como proceder, que o rito recria o conhecimento e, assim, renova a tradição; aquilo que se deve repetir todos os anos como conhecimento, para consagrar como valor comum. Renova um saber cuja força é ser o mesmo para ser aceito. Repetir-se até vir a ser, mais do que apenas um saber sobre o



sagrado, um saber socialmente consagrado. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007)

Os grupos na região são muitos. Somente na cidade de Boa Nova foram identificados 16 grupos de Ternos de Reis, no ano de 2006, localizados principalmente na zona rural. São várias as influências que se podem perceber nesses grupos por meio de suas músicas, dos ritmos percussivos – acompanhados de atabaques, bumbos, matracas e “gaitas” (flautas de bambu) e alguns instrumentos de cordas (em alguns grupos) –, das letras criadas pelos mestres de cada grupo, das vestimentas e das danças.

Entretanto, mesmo sendo uma tradição milenar, ainda há poucos estudos referentes à Festa de Reis, principalmente no que se refere à sua perpetuação. Sabe-se que em um determinado momento, a Igreja Católica não considerava mais esta festa como uma manifestação religiosa, pois ela tomou proporções que ultrapassavam os limites da catequização. Somente mais tarde, na década de 1980, com a visita do Papa João Paulo II a Santo Domingo (América Central), a Igreja abriu suas portas para os reisados, reaproximando-se dos “foliões” e dando novo incentivo a essa tradição. (TORRES e CAVALCANTE, 2012)

O processo de popularização dos ritos litúrgicos, através das novas formas de representação que surgiram, em particular sobre a influência dos Reis Magos, resultou, em muitos casos, em “excessos de profanação”. Tal fato levou a Igreja a reprovar essas manifestações populares, passando a impedir a entrada desses Grupos no interior das Igrejas, afastando-se, desse modo, de seus fiéis que, no entanto, a seu modo, continuaram a levar a palavra de Deus para lugares aonde o catolicismo não chegava ou não os aceitava. (TORRES e CAVALCANTE, 2012, pag. 4)

Diante de tudo o que foi exposto, podemos definir esta tradição como patrimônio imaterial, uma vez que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), considera que

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). (IPHAN, 2017)



E, para além da definição supracitada, os reisados de Boa Nova/BA criam e recriam identidades, resgatam a autoestima enquanto grupos sociais e indivíduos e formam cidadãos.

O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (IPHAN, 2017)

Conclusão

A definição de patrimônio imaterial elaborada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) poderia, por si só, justificar a Festa de Reis enquanto tal.

Entretanto, esta manifestação cultural não só homenageia a visita dos três Reis Magos à manjedoura do Menino Jesus como também estabelece relações de pertencimento a grupos, cria identidades a partir das representações, dos símbolos, revisita a história, o passado e resgata a autoestima. Assim, as pessoas organizam suas vivências e experiências a partir da tradição.

Em Boa Nova (BA), fazer parte de um grupo de reisados é ter prestígio. Quanto mais tradicional, quanto mais antigo for o grupo, maior o prestígio do indivíduo. O prestígio também se altera de acordo com a função que o indivíduo tem dentro do grupo, reproduzindo-se, nesse âmbito, o que se passa na vida social.

A Festa de Reis se constitui como um movimento de resistência cultural diante do assédio de tantos outros eventos, promovidos com o apoio dos veículos de comunicação, que estão distantes da festa popular pela falta de espontaneidade. Com efeito, a Festa de Reis constrói um diálogo entre instituições, entre o poder público e a população em geral, buscando a preservação da memória e dos acontecimentos históricos e culturais locais.

Referências

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12 ed. São Paulo: Global, 2012.



HALL, Stuart. Quem Precisa da Identidade? In: Silva, T. T. da (org.): **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em 15/06/2017.

_____. **Patrimônio Cultural**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em 15/06/2017.

LARAIA, R. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Cultura, Culturas, Culturas populares e a Educação. **Documentário: Cultura Popular e Educação**. Disponível em: <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/105300Culturapopular2.pdf> Acesso em 25 de agosto de 2016

MORIGI, V. J., ROCHA, C. P. V., SEMENSATTO, S. Memória, Representações Sociais e Cultura Imaterial. **Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas**. Ano 09, número 14, 2012, p. 182-191. Disponível em: http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/waldir_pt.pdf. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, número 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em 26 de setembro de 2016.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SILVA, A. F. **Reis Magos: história, arte, tradições**. Rio de Janeiro, Léo Christiano Editorial, 2006.

SOUZA, J. M. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista**



Graphos, vol. 16, número 1, 2014, p. 91-117. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/20337/11264>. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

TORRES, L. B., CAVALCANTE, R. **Dia de Reis, festa do povo**. Disponível em: <http://vermelho.org.br/noticia/172657-1>. Acesso em 25 de agosto de 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T. T. da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 7-72.

Recebido: 29/04/2018

Aceito: 25/07/2018

